

ELOGIOS E PERGUNTAS NO AR

Daniela Mendes
Correspondente

Nova York — Mal recebeu a primeira parcela do empréstimo do Fundo Monetário Internacional (FMI), o Brasil volta a bater na porta do Fundo com a chegada hoje à Washington do ministro da Fazenda, Pedro Malan e do presidente em exercício do Banco Central, Francisco Lopes.

Diferentemente do final do ano passado, desta vez, a sobrevalorização do real em relação ao dólar não deverá ser motivo de divergências. Ao final, o Brasil teve de fazer o que o FMI defendia há tempos: desvalorizar a moeda. Segundo um porta-voz do Fundo, a decisão do governo brasileiro de desistir de defender o real a qualquer custo foi “inteligente”, pois estanca a sangria de reservas.

Antes de deixar o real flutuar, a equipe econômica informou o FMI da nova política. De acordo com um porta-voz do Fundo, não há nenhuma viagem de técnicos da instituição programada para o Brasil, os contatos deverão ocorrer na capital norte-americana onde as autoridades brasileiras vêm buscar apoio.

O Banco Mundial (Bird), que entrou com US\$ 4,5 bilhões no pacote financeiro de US\$ 41,5 bilhões, divulgou ontem um comunicado favorável ao Brasil: “O presidente (Fernando Henrique) Cardoso tem demonstrado de forma consistente seu comprometimento com a implementação do programa de reforma e continua mobilizando um maior apoio do Congresso e da maioria dos governos estaduais”.

Do total de US\$ 4,5 bilhões, US\$ 1 bilhão já foram liberados. Segundo o comunicado, o Bird está preparado para providenciar o restante assim que as reformas estruturais e fiscais do governo sejam implementadas, o conselho do banco aprove e esteja de acordo com o pacote de ajuda financeira liderado pelo FMI.

O G-7, grupo dos sete países ricos do mundo, se reúne hoje na Europa. As nações ricas providenciaram boa parte dos recursos do empréstimo concedido ao Brasil e a expectativa é que a crise atual entre na pauta das conversas dos países industrializados.

Palavras de confiança vieram do presidente do Bundesbank (banco central alemão), Hans Tietmeyer. “É preciso mostrar aos investidores internacionais que é vantagem para eles voltar a investir no Brasil”, disse. “Não esperamos que o FMI e os países ricos emprestem mais dinheiro ao Brasil, mas que as bases do acordo fechado em novembro do ano passado sejam revistas”, diz John Welch, a área de América Latina do banco Paribas.

EXPLICAÇÕES

No quadro atual é fundamental para o Brasil conseguir apoio dos Estados Unidos, país com maior influência no FMI e no G-7. Por isso, Malan e Chico Lopes deverão se encontrar com autoridades do Tesouro americano e explicar a situação. Na quarta-feira, dia da primeira desvalorização do real, o presidente Bill Clinton disse estar acompanhando o desenrolar dos acontecimentos muito de perto e esperar uma solução satisfatória para os problemas brasileiros.

Nos EUA, o Brasil é considerado o pilar de sustentação da América Latina, que responde por 20% das exportações norte-americanas. A vice presidente do Federal Reserve (Fed — banco central do país), Alice Rivlin, entretanto, disse ontem que o Fed “não está seguro” de como a crise brasileira poderá afetar a robusta economia norte-americana.

Na opinião de Tom Trebat, chefe da área de pesquisa da América Latina do banco Salomon Brothers, deixar o real flutuar livremente foi uma decisão acertada, mas agora há várias perguntas no ar. “É preciso saber: o Brasil terá apoio do FMI, do G-7 e do restante da comunidade internacional? O presidente fernando Henrique terá apoio político interno para levar adiante as reformas? Isso definirá o futuro do país”, diz o analista.